

Fuga desesperada da ofensiva israelense

HORROR NO ORIENTE MÉDIO

Rota de fuga aberta pelo Egito

Chanceler Mauro Vieira confirma que os brasileiros da Faixa de Gaza sairão da região, hoje, por meio do país africano. Reunião do Conselho de Segurança da ONU, comandada pelo ministro, em Nova York, termina sem resolução sobre guerra

ALINE BRITO

Um grupo de brasileiros que está na Faixa de Gaza deve chegar hoje ao Egito, de onde vai embarcar de volta ao Brasil. O ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, anunciou, ontem, que o país africano concordou em abrir um corredor humanitário para receber as 22 pessoas. Conforme o chanceler, elas vão cruzar a fronteira, de ônibus, pela direção sul. Um avião VC-2, enviado pela Presidência da República, aguarda em Roma a autorização para ir buscar o grupo no território egípcio.

"O governo brasileiro negocia para que os brasileiros que se encontram em Gaza possam sair pelo Egito, é a única forma de sair. Eles sairão nesse ônibus, que os transportará amanhã (hoje), e o que nos propusemos é que saíssem e fossem levados para um aeroporto, uma localidade muito próxima da fronteira, onde um avião da Força Aérea Brasileira estará esperando", disse Vieira, após a reunião do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York.

Após pressão internacional por um corredor humanitário, o Egito concordou em abrir, neste sábado, a fronteira com Rafah, por onde deve passar um comboio internacional. Além de brasileiros, há repatriados de diversas nacionalidades.

O Brasil resgatou, até agora, mais de 700 brasileiros que estavam em Israel (veja reportagem ao lado). A operação de repatriação organizada pelo governo é a maior e mais bem-sucedida do país no contexto de guerra.

A reunião do Conselho de Segurança da ONU, comandada por Vieira, que terminou sem acordo para a aprovação de uma resolução a respeito da guerra. O objetivo do encontro foi debater a crise humanitária na região e tentar viabilizar a abertura de mais corredores para a passagem, não só de pessoas como de medicamentos, água e alimentos.

A falta de consenso não causou surpresa, já que países com



Vieira: "É uma negociação diplomática envolvendo a situação de uma guerra, então, não sei quanto tempo será necessário para acomodar as posições"

posturas antagônicas integram o conselho, como Estados Unidos, Rússia e Emirados Árabes Unidos. Apesar de não terem chegado a um acordo, segundo o Itamaraty, as negociações vão continuar, de modo informal, para analisar as propostas apresentadas na reunião. "É uma negociação diplomática envolvendo a situação de uma guerra, então, não sei quanto tempo será necessário para acomodar as posições", explicou o chanceler.

O encontro foi convocado pelo Brasil, que ocupa a cadeira rotativa da presidência do Conselho neste mês. Inicialmente, a reunião estava marcada para a próxima semana, mas acabou sendo antecipada por causa da escalada do conflito.

"O Brasil vai continuar trabalhando por uma posição única, com abertura de avenidas possíveis de negociação. O objetivo principal é o estabelecimento de corredores humanitários para acesso a Gaza", enfatizou Vieira.

Ontem, o ministro conversou

O posto fronteiriço de Rafah



com o chanceler de Israel, Eli Cohen, e com o da Arábia Saudita, Faisal bin Farhan Al Saud, para articular formas de conter o agravamento da crise humanitária. Eles também debateram

a situação dos reféns mantidos pelo Hamas.

Congresso

No Brasil, a oposição tem cobrado uma postura mais dura do governo em relação ao Hamas. O Executivo federal não classifica o grupo como terrorista — segundo orientações da ONU. Mas essa postura do país está sendo usada como munição para ataques ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva e ao PT.

Ontem, a presidente da sigla, Gleisi Hoffmann (PT), publicou um esclarecimento sobre o posicionamento adotado pela legenda e lamentou a "quantidade de mentiras que a extrema direita vem espalhando desde o início desta guerra na Faixa de Gaza".

O debate provocou a convocação de Mauro Vieira pela Comissão de Relações Exteriores (CRE) do Senado. O chanceler confirmou presença na sessão, quarta-feira. (Colaborou Luana Parolin)

A terceira vítima brasileira

O Ministério das Relações Exteriores confirmou, ontem, a morte da brasileira Karla Stelzer Mendes, de 42 anos, em Israel. Ela estava desaparecida desde o ataque do grupo extremista Hamas à rave Supernova Universo Paralelo Edition, que ocorreu no sábado passado, próxima à Faixa de Gaza. Com isso, sobe para três o número de cidadãos brasileiros no conflito no Oriente Médio. Também foram vitimados a carioca Bruna Valeiros, 24, e o gaúcho Ranani Nidejski Glazer, 23, que estavam na mesma festa.

Karla Mendes nasceu no Rio de Janeiro e também tinha cidadania israelense — morava no país havia 10 anos. Ela era mãe de um jovem de 19 anos, que faz parte do Exército de Israel.

O último contato dela com a família foi no sábado pela manhã. Ela chegou a mandar áudios para amigos durante o ataque do Hamas. "Fomos para o mamada para nos proteger. Ai, vieram os terroristas e jogaram uma bomba dentro do mamada. A gente saiu correndo", contou em um áudio. Mandada é um tipo de bunker. A carioca era namorada do israelense Gabriel Azuly, que também estava no festival. Ele foi encontrado morto na quarta-feira.

O Itamaraty se solidarizou com a família, amigos e amigos de Karla. "O governo brasileiro reitera seu total repúdio a todos os atos de violência contra a população civil", enfatizou, em nota. É antes de

comandar a reunião do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), o ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, expressou condolências. "Hoje (ontem) é um dia de muita tristeza para nós, brasileiros", disse.

Segundo Vieira, "tentar conter a escalada da violência e salvar vidas dos brasileiros que ainda estão na região do conflito" é "a prioridade absoluta do governo. "Estamos acompanhando a aflição dessas famílias em função dos bombardeios em Gaza e procurando garantir sua proteção para que cruzem a fronteira o mais rápido possível", garantiu. (Aline Gouveia, Aline Brito, Talita de Souza e Thyas Martins)



O Itamaraty confirmou a morte da carioca Karla Stelzer Mendes

Mais de 700 repatriados

A Força Aérea Brasileira (FAB) planeja mais dois voos para trazer cidadãos de Israel. O quarto avião tem previsão de chegar hoje, às 23h30; e o quinto, amanhã. Ambos vão pousar no Rio de Janeiro. O governo também enviou um avião VC-2 (Embraer), da Presidência da República, para o resgate de 22 pessoas que estão sitiadas na Faixa de Gaza.

A quarta aeronave empregada na "Operação Voltando em Paz", decolou, ontem, de Tel Aviv. A bordo, estão 207 brasileiros resgatados do conflito e quatro animais de estimação.

O terceiro voo da FAB aterrissou, nesta sexta-feira, na base aérea de Guarulhos, em São Paulo, às 11h30, com 64 brasileiros que deixaram Israel depois do ataque terrorista provocado pelo Hamas. A aeronave — um KC-390 Millennium — partiu de Tel Aviv com 63 cidadãos. Cinco ficaram no Recife. Parte dos passageiros que chegou a São Paulo seguiu viagem para Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Mato Grosso.

Dois milhãs filhas com duas crianças e meu genro lá, afirma a aposentada Evelyn Zimmerman, que viajou para visitar a filha que se mudou para Israel há três meses. "Presenci muitos momentos tensos. Eu estava um dia no parque com a minha nete e meu neto, de 5 e 8 anos, e de repente, estourou uma sirene (para ir ao bunker)". No sábado, no primeiro dia do conflito, Evelyn conta que entrou sete vezes num bunker com a família para se proteger. "Passamos a noite toda".

Na base aérea de São Paulo, a família do estudante Pedro Jehuda, 16, espera a chegada do jovem, que se mudou para Israel para cursar o ensino médio. "Nos últimos dias, todos os dias", disse o pai, Charles Jehuda. "Não dormi a semana toda".

Pedro morava no campus da escola em Natanya. A família contou que praticamente todos os estudantes optaram por deixar o campus depois do ataque terrorista. "É um momento difícil de tomar uma decisão (se ele fica aqui). Está tudo tão abalado, há tantas incertezas. Vamos esperar o desenrolar de tudo isso", afirmou Verônica Dabin, mãe de Pedro.

O jovem agora deve acompanhar as aulas de maneira remota. "Quando acabar a guerra, eu volto para lá. Tirando o fato da guerra, é um lugar muito bom, muito seguro". Há um ano e dois meses vivendo em Israel, a jogadora de futebol Renata Santana disse que o sábado "foi o dia mais conturbado". "Não sabia se era um ataque", afirmou. Ela optou por voltar para o Brasil por não saber se o conflito vai piorar, mas ressaltou que pretende voltar para Israel. "Ainda tenho contrato de trabalho."